

COMO PENSAM AS IAs EM RELAÇÃO AOS PCDs?

ISADORA DE LEON TORRES¹

CLAUDIA TURRA MAGNI²

DANIELE BORGES BEZERRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – socioloisa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clauturra@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – borgesfotografia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho em questão está associado à minha pesquisa de tese, bem como às reflexões que surgem em meio ao processo de produção relacionado ao macroprojeto intitulado: “Acessibilidade e emoções mediadas por Inteligência Artificial (IA): pesquisa interdisciplinar e tecnopoética” contemplado pelo edital do PROGRAMA DE APOIO À PESQUISA INTERDISCIPLINAR (PAPin) da UFPel. Minha integração a esta equipe se deu através do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, responsável pela implementação da proposta, juntamente com os PPGs da Ciência da Computação (PPGC), da Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), da Letras (PPGL) e da Enfermagem (PPGENf).

A primeira atividade de integração destes PPGs ocorreu, durante o evento “Máquinas, Corpos e Grafias”, em comemoração aos 16 anos do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS), que reuniu mais de 150 participantes do país e do exterior. Os debates ocorridos nesta ocasião me fizeram pensar e imaginar sobre um desdobramento específico de minha pesquisa; como as inteligências artificiais reconhecem nossos corpos, habitats, costumes e produzem imagens através de um amplo banco de dados de descrições?

A pesquisa, inicialmente experimentou possibilidades criativas do site Gemini 2.5⁴, vinculado à multinacional de softwares e serviços, a Google. E antes de consolidar minha visão sobre os grupos de pessoas com deficiências⁵ (PCDs), busquei observar como as IAs generativas reconhecem esses indivíduos, ou melhor, se foram treinadas para representar a diversidade.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia, na UFPel, bolsista vinculada ao Programa de Apoio a Pesquisa Interdisciplinar na Pós-Graduação (PAPin), Projeto Acessibilidade e emoções mediadas por IA: pesquisa interdisciplinar e tecnopoética. Mestra em Antropologia e graduada em licenciatura em Ciências Sociais, ambas pela UFPel. <<https://orcid.org/0009-0007-7824-7643>>

² Doutora em Etnologia e Antropologia Social (EHESS). Professora titular do Departamento de Antropologia (Bacharelado e PPGAnt-UFPel). Coordenadora do LEPPAIS e do Coletivo Antropoéticas (CNPq). <<https://orcid.org/0000-0002-3478-7708>>

³ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Doutora em Antropologia (PPGAnt) e em Memória e Patrimônio Cultural (PPGMP-UFPel). Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas <<https://orcid.org/0000-001-6278-3838>>

⁴ O Gemini 2.5 é uma ferramenta de IA generativa multimodal, para saber mais visite a página: <https://gemini.google.com/app?hl=pt-BR>

⁵ Segundo o artigo 1 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, “pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com os demais” (BRASIL, 2009, p.3).

Ingold (2022), diz que “os humanos são, por excelência, fabricantes e usuários de fios, assim também se tornaram, por si mesmos, produtores de traços com as mãos” (INGOLD, p.70, 2022). Em se tratando de IA, falamos em fios costurados por zeros e uns, tecendo algoritmos que definem novas estéticas e imaginações geradas por máquinas. Segundo Lucia Santaella (2007), essa é a representação de um marco da nova Era do desenvolvimento humano, a Era pós-humana. A autora explora as mudanças sociais e tecnológicas atuais, compreendendo que essa nova Era tecnológica, promove não apenas novas tecnologias, mas filosofias e corporalidades, diluindo liminaridades entre humanos e ciborgues, por vezes alinhavados uns aos outros. O que também nos permite pensar, com Donna Haraway (MANIFESTO CIBORGUE, 2013), em uma diluição das fronteiras entre humanos e máquinas, natureza e cultura.

Com base nessas premissas, analiso algumas imagens geradas com IA, atentando para o modo como essas tecnologias percebem, reconhecem e descrevem a comunidade PCD, a partir do modo como foram programadas. Para essas análises e reflexões utilizo alguns conceitos como o de “fazer COM” (ALVES, 2020; HARAWAY, 2023), o de “aleijar” as instituições (MELLO et al. 2022) e o de pós-humano (SANTAELLA, 2007).

Considerando que a IA está inserida em nossos cotidianos de forma quase imperceptível, um dos objetivos dessa proposta é analisar como essas tecnologias reconhecem os corpos “defiça⁶” (MELLO et al., 2022) e quais visualidades são geradas através dos *prompts* fornecidos para a geração de imagens.

2. METODOLOGIA

O trabalho aqui apresentado baseia-se em um recorte do projeto de tese, ainda em elaboração. Está baseado em uma revisão bibliográfica que trilha sobre os caminhos percorridos pelos corpos “defiças”, no que diz respeito a suas legitimidades legais, representatividades e ativismos. Parte também das discussões ocorridas no evento supracitado “Máquinas, Corpos e Grafias”, bem como dos textos trabalhados na disciplina de I.A. e Tecnologias Numéricas, ministrada pela professora Daniele Borges Bezerra, no PPGAnt (2024/2).

A metodologia também se apoia em um exercício etnográfico realizado no âmbito desta disciplina, o qual se utiliza da geração de imagens com IA no aplicativo Gemini, na tentativa de problematizar e analisar representações sobre os corpos PCds e o que tais análises indicam com relação ao modo como essas IAs são treinadas, ou sobre o que revelam sobre o pensamento dominante?

A criação dos *prompts* foi realizada pela autora, conforme os questionamentos aventados pelas leituras, na busca de reconhecer como as IAs compreendem os comandos e criam imagens, a partir de sua base de dados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As imagens foram geradas através do site de acesso livre, Gemini 2.5. É necessário ressaltar que os *prompts* para a criação das imagens foram escritos em português, o que costuma gerar resultados dissonantes dos gerados em

⁶ “A palavra ‘defiça’ tem sido amplamente utilizada por muitos ativistas com deficiência como autoidentificação. É uma abreviação carinhosa de “deficiente” por este ter caráter ambíguo de substantivo ou adjetivo, ao passo que ‘defiça’ aniquila a adjetivação e torna-se apenas substantivo, reforçando a identificação com um marcador da diferença positivado”, grifo de Anahí de Mello et al. (p.8, 2022).

inglês, pois estas IAs são treinadas em inglês e apresentam limitações quando os comandos são feitos em português. Porém, a intenção é justamente trazer essa perspectiva decolonial (HUI, 2024), de uma latinidade historicamente subalternizada, que agora se replica em um espaço digital, por meio de corpos que rompem a lógica de normatividade.

Nesse estudo foram escolhidas para comparação essas duas figuras, a 1ª com maior detalhamento do solicitado e a 2ª referindo-se a um artista de modo genérico. A 1ª imagem apresenta um atelier com quadros que remetem ao estilo expressionista, com pinceladas livres e cores fortes, já a 2ª imagem, as pinturas do ambiente remetem tanto ao estilo fauvista expondo diversos rostos em diferentes cores, quanto ao estilo abstracionista. Podemos sugerir que as diferenças de estilo nas criações têm influência ou são associadas à trajetória do artista Van Gogh que mutilou a própria orelha e, portanto, poderia haver uma associação entre o estilo da pintura e a imagem gerada. Mas nos possibilita também interpretar que o corpo humano normativo é tomado como padrão e, portanto, é expresso de modo mais realista nas pinturas. Poderíamos inferir, ainda, que a IA é treinada para associar deficiência à emoções e à expressão, censurando a representação atípica, enquanto os corpos normativos seriam mais “desejáveis” nos processos de auto representação. De qualquer forma, a reflexão importante é sobre quais caminhos conduziram os algoritmos a essas produções imagéticas. No emaranhado de conexões algorítmicas, quais fios são tecidos e quais filamentos estão soltos no que diz respeito à geração de imagens e os modelos a partir dos quais são treinadas. Qual a representatividade dos corpos não normativos? Como são representados, quais as associações feitas em relação ao corpo diverso?

4. CONCLUSÕES

Pensar como as tecnologias nos descrevem e nos (re)produzem ou nos apresentam, não é apenas uma questão estética, é sobretudo uma questão representativa e política, atravessada por dimensões simbólicas e constructos culturais. Os resultados a partir proposição desse exercício nos convidam a repensar os princípios de diversidade e de representatividade corpórea. Fazer COM, como coloca Camila Alves, é vislumbrar diferentes tipos de estética e diversas formas de ser/estar no mundo. Isso é importante pois reflete mentalidades que não contemplam a diversidade de cidadãos e, portanto, não garantem seu direito de acesso à cultura. Lucia Santaella nos convoca a pensar sobre o que é realidade e o que é simulação em um mundo de corporeidades tão programáveis, tensionando quais são as consequências dessa realidade corroída.

Universalizar o acesso e ampliar os imaginários sobre os corpos diversos são verbos que se impõem enquanto imperativo ético e político comprometido com o respeito às diferenças, tendo em vista a equidade de direitos. É possível pensar as IAs enquanto facilitadoras deste direitos? Quais as barreiras são mantidas e/ou reforçadas, mesmo com o avanço tecnológico? Precisamos aleijar as instituições, sejam elas físicas ou virtuais. A pós-humanidade é onipresente, a experimentação acima evidencia que se faz necessário ampliar as formas de representação e de circulação de imaginários acerca dos diferentes corpos, avançando assim em uma sociedade mais empática e inclusiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Caleb; AMARAL, Leila. UFRGS. Dossiê Antropologia e Arte. **Horizontes Antropológicos** / Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 315-338, jan./jun. 2008. Acesso em 19 agosto de 2025. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/horizontesantropologicos/issue/view/2891>

ALVES, Camila. **E se experimentássemos mais? Contribuições não técnicas de acessibilidade em espaços culturais**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

BEZERRA, Daniele Borges et al. UFPel. **Máquinas, corpos e grafias: tecnopoéticas em perspectiva transdisciplinar** - 1 ed. - Porto Alegre: Ideograf, 2025. (online). Acesso em 20 agosto de 2025. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/leppais/files/2025/04/15-04_Tecnopoeticas.pdf

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. **Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo**, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, ano 146, n. 163, p. 3-9, 26 ago. 2009.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 33-118.

HUI, Yuki. **Tecnodiversidade**. Tradução Humberto Amaral. São Paulo: Ubu, 2019.

INGOLD, Tim. **Linhas: uma breve história**. Tradução de Lucas Bernardes. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

SANTAELLA, Lúcia.. **Pós-humano, por quê? Revista Humanidades**. Universidade de São Paulo. n. 74, p. 126 -137, jun-ago,2007. São Paulo: USP. Acesso em 19 agosto de 2025. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/13607>

SCHUCH, Patrice; MELLO, Anahí Guedes; AYDOS, Valéria. Dossiê temático: Antropologia e deficiência. **Horizontes Antropológicos**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. – ano 28, n.64, p. 7-29, set-dez,2022. Porto Alegre : UFRGS. IFCH, 2009. (on-line). Acesso em 19 agosto 2025. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/horizontesantropologicos/issue/view/4537/125>